

Fertilizante dispara, eleva custo e pressiona inflação

Cenários

Peso dos fertilizantes nos custos de produção continua a subir e já representa de 35% a 40% do total

Disparada dos adubos amplia tensão no campo

GUERRA NA UCRAÏNA

De São Paulo

Embora as negociações caminhem em ritmo lento no mercado brasileiro de fertilizantes desde a invasão russa na Ucrânia e muitas incertezas ainda estejam no radar, uma coisa é certa: a disparada de preços encarece nutrientes que já vinham em forte alta no ano passado, elevando os custos da produção agrícola no país, ajudará a pressionar mais a inflação e poderá afetar o rendimento das lavouras, embora as áreas ocupadas por culturas como grãos e cana não devam diminuir.

Num cenário de "preços que oscilam a cada ligação", segundo conta um comprador, a tensão cresce nesta semana, após um novo capítulo de sanções à Rússia publicadas na terça-feira por EUA e União Euro-

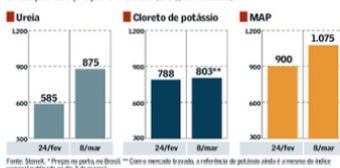
peia, que envolveu redução e até proibição de consumo de gás natural russo. O movimento trouxe mais turbulência para o segmento de fertilizantes nitrogenados, que têm o gás natural como matéria-prima. A dependência do Brasil de fornecedores internacionais em nitrogênio e potássio é de mais de 96%.

Com o movimento em gás natural, e em meio a tantas informações desencontradas, clima de e nervosismo. Mas agentes do setor privado e especialistas de mercado reforçam que a crise não põe em risco a safra 2022/23. Apresente da Mosaic Fertilizantes, Cortine Ricardis, disse, em entrevista recente ao Valor, que muitos agricultores brasileiros anteciparam compras em fevereiro. "Vi um bom movimento de compras antecipadas. Com isso, os agricultores conseguem garantir estoques".

O maior problema, concordam fontes consultadas pela reportagem, é o potássio — visto que dois dos três maiores fornecedores globais, Rússia e Belarus, estão no imbróglio, ainda que não a ponto de

Fertilizantes

Evolução dos preços em 2022 (US\$/toneladas)*



prejudicar a semeadura das culturas. Haverá efeito sobre o custo, no entanto. Os fertilizantes respondem por 30% do custo dos produtores de grãos, segundo a consultoria StoneX. Com as altas desde o ano passado, o percentual ronda de 35% a 40%. Assim, os menos capitalizados podem optar por reduzir a aplicação de adubos nas plantações, mesmo que a escassez não se aprofunde. Por causa das sanções recentes

ao gás russo, o comportamento dos preços da ureia tem sido como o de um "cavalo empinado", definiu Marcelo Mello, diretor de fertilizantes da StoneX. Em menos de duas semanas, desde 24 de fevereiro, quando a Rússia invadiu a Ucrânia, o macronutriente já subiu 50%. No dia 8 de março, estava perto do teto histórico de US\$ 900 por tonelada, aponta a consultoria. Até hoje, esse patamar havia

sido alcançado em apenas duas ocasiões: no fim do ano passado e em 2008. Segundo o analista, fortes movimentos (a alta de 50%, assim como a baixa de mais de 40% registrada em janeiro), são oscilações raras para o produto.

O Brasil importa anualmente entre 8 milhões e 11 milhões de toneladas de ureia, volume que é quase todo o consumo. A produção local não alcança 2 milhões de toneladas. A Unigel, que arrendou duas fábricas da Petrobras em 2020, tem capacidade para 1,15 milhão de toneladas ano — equivalente a um terço da produção de ureia na América Latina, segundo a própria empresa.

Mello diz, ainda, que percebe nesta semana uma retomada "aos poucos" dos negócios no mercado de adubos. Neste momento, apesar dos altos preços, o segmento de nitrogenados tem mais movimento que os de potássio e fosfatos, afirma ele.

Em potássio, a trava é maior em virtude do claro sinal de desabastecimento que se desenha. Rússia e Be-

larus entregam 24 milhões de toneladas para o mundo, e o Canadá, que está entre os três principais do segmento, não cobre essa ausência — nem mesmo somados os novos projetos, que, vale reforçar, não ofertam minerais da noite para o dia.

A StoneX indica a tonelada de potássio a US\$ 803, e um mercado travado. Uma fonte ligada à indústria informou que tem sido alguns negócios, a US\$ 1 mil — e com perspectiva de alta. "Não tem muita oferta [de potássio], e com os agricultores acreditando que vai faltar produto, este todo mundo querendo comprar", disse o executivo.

Na semana passada, grandes empresas que atuam no Brasil, entre elas as três maiores — Mosaic, Yara e Fertipar — chegaram a reatualizar listas de referências de preços do mercado interno. Mas parte das companhias voltou a representar listas. A indústria informou na semana passada, por meio de sua associação, a Andia, que há estocagem para três meses, sem contar navios que estão a caminho.

Regra sobre licença na pauta ruralista

Rafael Walendoff De Brasília

A bancada ruralista quer aprovar uma nova lei geral de licenciamento ambiental no Senado Federal ainda no primeiro semestre deste ano. Segundo os ruralistas, com as mudanças, a intenção é agilizar a obtenção de licenças para exploração de jazidas minerais no país, o que contribuiria para o avanço do Plano Nacional de Fertilizantes, que o governo lançou a manhã.

De acordo com o deputado Sérgio Souza (MDB-PR), que preside a Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), assumiu compromisso para que a votação da proposta ocorra até a metade do ano. Ontem, em entre-

vista coletiva, Pacheco defendeu que o Brasil cede as potenciais reservas de potássio, mas "sem atender contra florestas e áreas indígenas". O senador disse que o projeto de licenciamento mineral não tem comissões e será levado ao plenário após essa etapa, seguindo acordo no colégio de líderes.

"Não vamos flexibilizar nada, mas dar agilidade. Ou libera ou não libera. Ou se explora a jazida ou teremos alimento caro, e o brasileiro e o mundo vão pagar por isso", afirmou Souza, em entrevista na última terça-feira.

O deputado disse que o Plano Nacional de Fertilizantes será feito por decreto e permitirá obter "mais fertilizantes mitigando a burocracia no meio do caminho". Segundo ele, o aumento da pro-

dução de adubo dependerá do interesse das empresas, mas que, com a alta dos preços, já compensa produzir o insumo no Brasil.

Questionado sobre o projeto que libera a exploração mineral em terras indígenas, o presidente da FPA disse que "ninguém é dono do subsolo" do país, que "a maior parte das jazidas não está em terra indígena" e que é preciso encontrar mecanismos de compensação para explorar esses minérios. "Se tiver jazida para ajudar a alimentar o povo brasileiro, temos que articular mecanismos para poder explorar sem agredir a cultura, o meio ambiente, e achar formas de compensar isso", afirmou Souza.

De acordo com o vice-presidente da FPA, deputado Neri Gêlter (PP-MT), caso se consiga tir-

da gaveta do Senado o projeto de licenciamento ambiental, muitas coisas vão ser flexibilizadas, mas sem que isso represente degradação ambiental. "Queremos tirar dos órgãos intervenientes o papel de sentar em cima de projetos por cinco ou dez anos", disse Gêlter.

O diretor de Programa da Secretaria-Executiva do Ministério da Agricultura, Luis Eduardo Rangeli, afirmou que o governo está "atenado às questões estratégicas da agricultura" e que o Plano Nacional de Fertilizantes será lançado em um momento de "crise aguda" que preocupa não só o setor agropecuário, mas toda a sociedade urbana. "Queremos diminuir essa dependência de importação, que hoje é de 85%, para algo em torno de 50% a 55%", disse.



O deputado Sérgio Souza (MDB-PR): explorar jazidas pode baratear alimentos

USDA faz ajustes aquém do previsto, e trigo e milho recuam

Rikardy Toogee e Fernanda Pressinott De São Paulo

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) fez ajustes maiores do que o usual em seu relatório mensal de oferta e demanda de commodities agrícolas, publicado ontem, já incluindo nos cálculos os primeiros efeitos da guerra na Ucrânia sobre o quadro global. Mas, ainda assim, as mudanças foram menos intensas do que o mercado esperava.

A avaliação de analistas é de que os cortes que o USDA fez em suas estimativas para trigo e milho de Rússia e Ucrânia acabaram sendo contrabalançados por mudanças nas projeções para outros países ou pela diminuição na perspectiva de demanda. Com isso, os grãos recuaram na sessão. O trigo passou as baixas, e os negócios chegaram a ser paralisados no início da tarde após o cereal atingir seu limite de queda para um só dia, de 85 centavos por bushel. O vencimento para maio, o mais ativo, recuou 6,61%, a US\$ 12,0150 o bushel.

A guerra afeta menos o mercado de soja, mas a estagnação no sul da América do Sul levou novamente o USDA a cortar profundamente suas estimativas para a colheita de soja no Brasil, na Argentina e no Paraguai nesta safra 2021/22, que já está em fase final nesse país. A queda, que favorece as exportações dos EUA, gerou um ajuste para baixo nos

Grãos em Chicago

Dia a dia - em US\$ cents/bushel



"O relatório foi bastante sem graça. Os números estavam dentro da expectativa", avaliou Charlie Sematinger, da ED&F Man Capital, à Dow Jones Newswires. "Nós já precisamos dessas mudanças, e a única pergunta no momento é: o trigo sairá do limite de baixa [a partir de agora]?"

O trigo é o grão que mais sen-

teiu os efeitos da guerra. No relatório, o USDA reduziu em 3,6 milhões de toneladas sua projeção para as exportações globais do cereal, que passou a ser de 203,1 milhões. Para a Rússia, o órgão fez um corte de 3 milhões de toneladas, para 32 milhões. No caso da Ucrânia, o corte foi de 4 milhões de toneladas, para 20 milhões.

Segundo o USDA, a queda dos embarques da Rússia e Ucrânia será parcialmente compensada por Austrália e Índia. Ontem, o governo ucraniano anunciou a suspensão temporária das exportações de trigo, cevada e milho. Para o Commerzbank, o trigo já estava em rota de ajuste desde a sessão de terça-feira, e a ten-

dência é que continue assim. "Há sinais de que, por causa dos preços altos, a demanda estava em desaceleração", resumiu o banco.

O milho estava em queda antes mesmo do relatório, mas a publicação do documento acentuou a baixa. O contrato para entrega em maio, o mais ativo, caiu 2,66¢ (20 centavos de dólar), a US\$ 7,330 o bushel.

No relatório, o USDA reduziu em 6 milhões de toneladas sua projeção para as exportações ucranianas, que passou a ser de 27,5 milhões de toneladas. Com a mudança, a participação do milho da Ucrânia na oferta mundial deverá cair de 16,4% para 13,7%, segundo o USDA. Ainda assim, o país continuará a ser o quarto maior exportador.

"O USDA redutiu o equivalente aos embarques de fevereiro e março do país, e me parece que ele evita arriscar uma previsão para o futuro mais distante e correto aquilo que já não seria menor ser exportado por causa da situação do momento", diz a analista Daniele Siqueira, da AgRural.

No caso da Rússia, o órgão

manteve em 4,5 milhões de toneladas sua previsão de embarques. Para o USDA, os Estados Unidos deverão responder por parte da oferta global que será afetada pela guerra. O órgão aumentou em 1,9 milhão de toneladas, para 63,5 milhões, sua estimativa para as exportações americanas.

No relatório, o USDA reduziu em 6 milhões de toneladas sua projeção de colheita na Argentina e manteve em 39 milhões de toneladas a previsão de exportações do país. Para o Brasil, não houve mudança: a estimativa continuou a ser de colheita de 114 milhões de toneladas e de embarques de 43 milhões de toneladas.

O USDA aumentou em 790 mil toneladas sua previsão para a produção global de milho, que passou a ser de 1,206 bilhão de toneladas. A projeção de demanda cresceu 1,45 milhão, para 1,197 bilhão de toneladas. Com isso, a previsão para os estoques globais do cereal passou a ser de 301 milhões de toneladas, uma queda de 1,2 milhão em relação ao relatório anterior.

país deverá embarcar 56,9 milhões de toneladas em 2021/22, volume 1,1 milhão maior que o projetado em fevereiro, mas ainda menor que o de 2020/21 (61,5 milhões). O ganho poderia ser maior não fosse a redução, de 97 milhões para 94 milhões de toneladas, na projeção para as importações da China, responsável pela redução do cenário traçado para a demanda mundial. O país representará 120,7 milhões de toneladas, o

Seca na América do Sul reduz oferta de soja e favorece os Estados Unidos

Fernando Lopes De São Paulo

A guerra afeta menos o mercado de soja, mas a estagnação no sul da América do Sul levou novamente o USDA a cortar profundamente suas estimativas para a colheita de soja no Brasil, na Argentina e no Paraguai nesta safra 2021/22, que já está em fase final nesse país. A queda, que favorece as exportações dos EUA, gerou um ajuste para baixo nos

estoques finais globais e tomou mais apertada a relação entre a oferta e a demanda do grão no mundo.

Maior produtor de soja do planeta, o Brasil, segundo os novos números do USDA, deverá colher 127 milhões de toneladas nesta temporada. Em relação à previsão divulgada em fevereiro, são 7 milhões de toneladas a menos, e na comparação com o cenário inicial para 2021/22, a queda chega a 17 milhões de toneladas. Se confirmado, o volume será

7,8% inferior ao estimado pelo órgão americano para 2020/21. No novo quadro traçado, as exportações brasileiras passaram a ser calculadas em 85,5 milhões de toneladas, ante as 90,5 milhões estimadas em fevereiro e as 81,7 milhões de 2020/21.

Para a Argentina, a expectativa para a produção caiu para 43,5 milhões, abaixo das 46,2 milhões da safra passada. Conforme o USDA, o país exportará apenas 2,8 milhões de toneladas, ante as 5,2 milhões de

2020/21. No quadro paraguaio, a colheita caiu para 5,3 milhões de toneladas, ante 9,9 milhões da temporada passada. E as exportações foram reduzidas para 3,6 milhões de toneladas, 42,9% menos que em 2020/21.

Com essas correções para baixo, o USDA cortou sua previsão para a produção mundial de soja para 353,8 milhões de toneladas, 12,4 milhões abaixo da colheita de 2020/21. O órgão também voltou a reduzir o cálculo para demanda mundial, pa-

ra 363,7 milhões de toneladas — ainda 0,4% mais que no ciclo anterior — e, assim, a previsão para os estoques finais globais em 2021/22 caíram para 90 milhões, ante 101,7 milhões em 2020/21. Ou seja, os estoques finais representam, agora, 24,7% da demanda, ante 25,1% nas contas de fevereiro e 28,1% em 2020/21.

A redução na América do Sul pode aumentar as exportações dos EUA. Com colheita já definida em 120,7 milhões de toneladas, o

país deverá embarcar 56,9 milhões de toneladas em 2021/22, volume 1,1 milhão maior que o projetado em fevereiro, mas ainda menor que o de 2020/21 (61,5 milhões). O ganho poderia ser maior não fosse a redução, de 97 milhões para 94 milhões de toneladas, na projeção para as importações da China, responsável pela redução do cenário traçado para a demanda mundial. O país representará 120,7 milhões de toneladas, o

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Agronegócios **Caderno:** B **Página:** 10